

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: SOCIOLOGIA CLÍNICA

Reflexões sobre a inserção inicial do migrante no seu lugar de destino a partir
de uma história de vida

Tauvana da Silva Yung
Universidade de Brasília

Ao considerar a migração enquanto um fenômeno dinâmico e multifacetado, encontramos uma complexidade que se reflete sobre as formas de explicá-la. A migração tomou relevância pela sua presença significativa nas cidades, sobretudo nas metrópoles urbanas contemporâneas. Observar os processos migratórios implica em analisar os mecanismos de socialização e de construção de identidades que ocorrem no meio urbano que abarca tais processos. A mobilidade é uma característica do nosso tempo, fato que traz mudanças, incertezas e novas configurações às relações sociais e aos indivíduos que participam direta ou indiretamente dos fenômenos de ir e vir. As identidades passaram a ser organizadas e constituídas de novas maneiras, através de vários espaços e no decorrer do tempo, com a relação que se estabelece com as diferentes formas de viajar, de transportar e comunicar que surgiram na contemporaneidade (Elliot; Urry, 2010).

O deslocamento geográfico pode representar uma possibilidade de acesso a condições que são negadas aos indivíduos em seu lugar de origem. Migrar torna-se uma forma de se aproximar de um sonho, seja ele uma conquista profissional, ou o acesso à qualidade de vida por meio da vivência numa cidade com melhor infraestrutura, ou até mesmo a concretização de uma relação afetiva desenvolvida inicialmente à distância.

Sair da cidade de origem traz transformações ao migrante. Abdelmalek Sayad (1998) coloca a imigração como uma condição transitória para o próprio imigrante. Sua identidade fica oscilando entre a expectativa do retorno ao seu lugar de origem e as permanências cultivadas no novo local que habita para trazer sentido e certo conforto a sua nova situação. Assim sendo, sua identidade é modificada, o tornando diferente de quem ele era. As construções que o sujeito faz em seu novo espaço são reveladoras das formas como o processo de migração é vivido.

Este texto pretende trazer algumas reflexões sobre os processos vividos por um imigrante regional brasileiro. Será acessada uma história de vida para elucidar alguns aspectos do fenômeno migratório. O principal foco é utilizar uma história real para exemplificar apontamentos teóricos, por meio de uma perspectiva sociológica, sobre como um imigrante vivencia os desafios de

chegar a uma nova cidade e de estabelecer identificação com esse novo espaço de moradia. A escolha por uma história de vida se dá pelo fato de que analisar uma história individual possibilita compreender as rupturas, mudanças, continuidades e construções que não são fruto exclusivo de ações individuais ou de estruturas sociais, mas são produto de uma relação sistêmica de interação e coprodução entre indivíduo e sociedade.

Histórias de vida na sociologia

Antes de irmos para a análise proposta da história de vida, é importante destacar, brevemente, como ocorre a presença desse método de pesquisa no campo sociológico, para entendermos a relevância da sua escolha enquanto ferramenta de análise de objetos sociais.

A Escola de Chicago foi responsável por inserir na sociologia as abordagens biográficas enquanto metodologia qualitativa. Ela surge em meio a um ambiente marcado por um processo intenso de industrialização, na primeira metade do século XX, que trouxe consigo movimentos migratórios e reconfigurações da cidade de Chicago. Nesse contexto, os cientistas sociais, que davam corpo à Escola, tiveram acesso a um laboratório vivo, repleto de misturas e embates culturais, conflitos sociais e mudanças na esfera do trabalho. Enquanto estudiosos da sociedade, os docentes e pesquisadores recorriam à análise de diferentes dimensões da realidade urbana tentando perceber, principalmente, os processos de socialização que permeavam os acontecimentos sociais.

Howard Becker (1996) relata que William I. Thomas foi um dos primeiros professores a compor o corpo docente do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago. Ele fez parte do grupo que iniciou um programa de pesquisas interessado nos imigrantes e na pobreza. Os trabalhos realizados nesse contexto deram espaço para a produção de uma das primeiras grandes publicações que foi marcante para a inserção da história de vida na metodologia qualitativa utilizada nas ciências sociais. *The Polish Peasant in Europe and America*, de 1918, de autoria de William I. Thomas e Florian

Znanięcki – pesquisador polonęs –, reuniu entrevistas e histórias de vida de imigrantes poloneses estabelecidos nos Estados Unidos para apreender o processo de organizaęão e reorganizaęão desses atores na tentativa de integraęão à sociedade americana.

Outro trabalho relevante para a consolidaęão das histórias de vida na metodologia das cięncias sociais foi o livro *The Children of Sanchez*, do antropólogo norte-americano Oscar Lewis, publicado no final dos anos 50 e início dos anos 60. Lewis acessou histórias de vida de uma família mexicana para compreender diversos aspectos de vida. Além desse, podemos também citar os trabalhos desenvolvidos por Franco Ferraroti na Itália e por Daniel Bertaux na França, a partir da década de 70, que demonstraram a utilizaęão do método de história de vida no panorama científico mais recente.

As histórias de vida permitem a sociologia confrontar-se consigo mesma. A utilizaęão desse método promove o questionamento de paradigmas sobre os quais se baseia a sociologia clássica. “A análise biográfica é para a sociologia o que a psicanálise foi para a psicologia: uma ruptura radical na maneira de conceber a realidade, de entendê-la e de analisá-la” (Gaulejac, 1999, p.2). O sociólogo que opta pela história de vida demonstra apreço por uma abordagem mais compreensiva que privilegia uma análise mais profunda dos dados recolhidos, portanto, os sentidos percebidos nas ações e relações sociais analisadas se constituem em elementos subjetivos compostos de valores e emoções (Tinoco, 2007). Assim sendo, as histórias de vida não são meros dados para as cięncias sociais, mas instrumentos relevantes de revelaęão de complexidades do social.

Migrar para realiza um sonho

A história de vida foi coletada por meio de entrevista, na qual o entrevistado foi orientado a falar livremente sobre sua trajetória de mudança da cidade de origem para a atual cidade de destino. Chamaremos de Rodrigo¹.

¹ O nome é fictício e os dados que podem gerar uma identificação mais pessoal serão ocultados a pedido do entrevistado.

Sua história ilustra os primeiros desafios enfrentados no primeiro ano de residência numa nova região, longe de familiares e amigos.

Rodrigo é jovem, possui vinte e oito anos. Seu sonho, desde o fim da graduação, foi seguir carreira pública. Após a formatura, dedicou-se por três anos no estudo para um concurso público específico, o qual tem como lotação inicial uma cidade em região diferente da sua. A permanência nessa lotação é de no mínimo três anos, mas pode durar por mais tempo, a depender da ocorrência de novos concursos públicos para o seu cargo. Esta é a primeira vez que Rodrigo muda de cidade, além do primeiro emprego efetivo, ele vivenciará a experiência de residir numa cidade nova, onde não conhece ninguém. Rodrigo percebeu as dificuldades enquanto migrante ao longo do processo de adaptação à nova cidade, que inicialmente não representou um grande choque, por se tratar também de uma capital, ele residia anteriormente numa capital.

Num primeiro momento, Rodrigo se viu muito empolgado com a mudança, a cidade nova se apresentou como um desafio a ser desvendado e a rede social que estabeleceu previamente, por meio de grupos do aplicativo *whatsapp*², com os colegas que iam para sua mesma lotação, deu certo conforto para sua mudança de cidade. Ele encontrou pares que se identificavam com sua nova condição de vida. Passado o entusiasmo do primeiro contato, Rodrigo começou a enfrentar as primeiras dificuldades com a escolha da moradia. Decidiu por um condomínio fechado de apartamentos, que fica próximo ao shopping. Sua escolha não foi aleatória, o shopping além de trazer lazer e alimentação de forma prática, também fazia Rodrigo se lembrar de sua moradia na sua cidade natal, ele também morava num condomínio fechado de apartamentos ao lado de um shopping. Aqui vemos os processos iniciais de adaptação ao novo lugar. Migrar é uma ação de saída do seu lugar de origem que envolve desterritorialização e reterritorialização do indivíduo, processos que não ocorrem necessariamente de maneira ordenada nem sucessiva (Dal Gallo; Marandola, 2009). Apesar do ambiente novo, fez

² Whatsapp é um aplicativo de celular que permite as pessoas manterem contato por meio de mensagens de texto e de voz. Nesta rede é possível criar grupos com até 50 pessoas, de diversas localidades. Os servidores recém-aprovados no concurso conseguiram trocar contatos durante o curso de formação que ocorreu antes da nomeação.

escolhas que lhe permitissem se lembrar da sua cidade de origem, em busca de algum conforto. A migração movimenta a identidade territorial e a segurança existencial do indivíduo, que se vê num processo adaptativo intenso para conseguir assimilar sua nova condição. Ademais, há ainda uma relação nostálgica com seu lugar de origem cultivada pelos migrantes (Sayad, 1998), esse sentimento sempre estará atrelado ao migrante.

Nesse sentido, o migrante sente a necessidade de fixar-se para que possa alcançar uma sensação de bem-estar aliviando o incômodo sentimento de incerteza e instabilidade que perdura e se reforça com a ausência do lugar. No entanto, a fixação do migrante no local de destino tem algumas restrições ou condições em termos de identificação sociocultural e socioespacial. O envolvimento de um indivíduo com o lugar é um processo complexo que não ocorre aleatoriamente (Dal Gallo; Marandola, 2009, p. 5).

Stuart Hall (2003) coloca que o lugar de nascimento é responsável pelas primeiras marcas identitárias que interferem sobre a formação do caráter do indivíduo e definem o seu lugar no mundo. A migração inicia um processo de desterritorialização original que afeta a existência individual, a saída do local de origem implica em “deixar os lugares de infância, juventude ou idade adulta, responsáveis pela nossa formação enquanto pessoa e sob os quais está edificada nossa identidade” (Dal Gallo; Marandola, 2009, p.3). Distante desse lugar de origem, o migrante vê suas identificações ressignificadas, pois a presença do diferente, ou ele mesmo como o elemento diferente num novo lugar, abre espaço para novas identidades. Em sua cidade natal, Rodrigo era jovem recém-graduado, estudante para concursos, que tinha escolhas específicas de onde frequentar, com laços de amizades construídos ao longo de toda sua vida que também deixavam marcas em sua identidade. Na nova localidade, ele se viu na necessidade de estabelecer novos vínculos. Entretanto, as pessoas predominantes na cidade e seus novos colegas de trabalho são divergentes no estilo de se vestir, no gosto musical, nos assuntos das conversas dos quais estava habituado. Uma primeira barreira teve que ser enfrentada, cedeu aos gostos da maioria para se sentir inserido no novo ambiente. Por vezes, se sentiu solitário por não ter conexão de suas identidades originais com as identidades dos locais. Mas em busca de

encontrar um lugar para si, flexibilizou seus gostos e escolhas, o que podemos apontar como uma abertura para uma reconstrução de sua identidade: “não gosto de sertanejo. Mas é o que tem para fazer por aqui, né, e os colegas do trabalho gostam. Sai com eles algumas vezes, até que foi divertido” (trecho da entrevista).

A identidade é uma noção complexa e contraditória que evoca unidade, reconhecimento e individualização. Sua aquisição se dá por meio de um processo dialético no qual há o confronto com os padrões internalizados da socialização primária com conseqüente reconfiguração das noções que o sujeito tem de si. A identidade agrega uma série de significações que perpassam os processos de construção do ser e de reconhecimento, processos esses que estão relacionados com os diversos registros das relações humanas e sociais (Gaulejac, 2009, p. 58).

A identidade do sujeito contemporâneo não é mais intangível, estável e unificada como aquela percebida nas sociedades tradicionais (Hall, 2003; Lipovetsky, 2004). Hoje, os sujeitos são compostos por uma multiplicidade de identidades, que podem ser contraditórias ou não-resolvidas, que são formadas e transformadas de maneira contínua na relação com os contextos sociais e culturais que os cercam, afirma Stuart Hall (2003). E ainda, o teórico complementa que a identidade é “definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (op. cit.). Além disso, Gilles Lipovetsky (2004) evoca o caráter reflexivo da identidade contemporânea, enquanto um projeto de apropriação dos indivíduos, a qual define como uma questão que pode ser retomada infinitamente. Aqui temos o resgate da reflexividade definida por Giddens (2002) como o modo pelo qual as práticas sociais são reelaboradas constantemente pela presença de um grande fluxo de informações ao qual os sujeitos são expostos. Assim sendo, o “eu” é construído como participante de um processo reflexivo de conectar mudança social e pessoal.

Ao longo do relato de sua história de migração, Rodrigo descreve o mal-estar que passou a enfrentar quando a euforia inicial passou, tanto sua quanto

de seus colegas, e novas questões começaram a se tornar evidentes sobre sua adaptação. Alguns colegas de trabalho já não estavam mais disponíveis, porque trouxeram, posteriormente, suas famílias para a nova cidade. Outros não foram possíveis de manter laços mais profundos pelas dificuldades de identificação pessoal, e os contatos e saídas muito frequentes no início que tinham o objetivo de conhecer os espaços da cidade, começaram a ficar escassos, pois a cidade, embora seja uma capital, tem ares de cidade interiorana, com poucas opções de lazer disponíveis. Importante observar que esse grupo de colegas de trabalho e as saídas descritas no início de sua chegada revelam a forma como migrantes procuram se identificar com o território. As redes sociais e redes de lugares permitem o migrante compreender a lógica aplicada ao novo lugar, o que favorece a construção do sentimento de pertencimento coletivo, por dominar a organização socioespacial da cidade.

Rodrigo se viu sozinho e relata que a saudade da cidade natal, do conforto que nela desfrutava passou a fazer muita falta. Apesar dos vários esforços para se conectar a cidade, percebeu que essas conexões não se concretizaram ou não se tornaram consistentes o suficiente. A desconexão entre o ser e o lugar gera uma insegurança existencial e da identidade territorial do migrante. Rodrigo que era tão certo de sua escolha profissional, consciente de todas as mudanças que ela traria, começou a questionar suas certezas pela dificuldade de identificação com a nova cidade. Passou a experimentar uma angústia e ansiedades frequentes, ao mesmo tempo em que buscava novas formas de se conectar ao local.

A desestabilização da ligação essencial do ser com o lugar causa um abalo na segurança existencial e identidade territorial do migrante, que tem de enfrentar um desencaixe espacial. Isso o torna suscetível à angústia e ansiedade, impondo a necessidade de enraizar-se no lugar de destino. A segurança existencial e a identidade do sujeito dependem de que ele estabeleça e cultive laços com o lugar, envolvendo-se com ele (Marandola Jr., 2008 apud Dal Gallo; Marandola, 2009).

Rodrigo matriculou-se numa academia para fazer atividades físicas na tentativa de fazer novas amizades. Disse que precisava sair do ambiente restrito às pessoas do trabalho para tentar ampliar seu círculo social. “Fiz dois amigos, um na academia que por coincidência mora no meu condomínio, e outro que conheci na livraria do shopping, sem querer, por um papo espontâneo que surgiu” (trecho da entrevista). Há um fato curioso nessas novas amizades de Rodrigo, os dois também são oriundos de outras cidades, um está na cidade para fazer medicina na universidade federal do estado e o outro também é de sua cidade natal e se mudou por conta de um concurso público. Percebe-se que os vínculos sempre são formados com outros migrantes. Formar redes sociais com outros migrantes encontrados no lugar de destino auxilia no processo de adaptação, na organização do deslocamento; o contato entre eles gera uma identidade que influencia na construção das territorialidades (Melchior, 2008).

O exemplo dos personagens que aparecem na história de Rodrigo demonstra aquilo que Sayad (1998) aponta, o imigrante é essencialmente uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Tanto Rodrigo, como seus colegas de trabalho e os amigos feitos fora do ambiente profissional, chegaram à cidade destino por meio de oportunidades ligadas a trabalho – seja um posto a ser ocupado ou uma formação para aquisição de um posto – num processo em trânsito, a lotação é inicial, remoções certamente são desejadas, com exceção do amigo estudante de medicina que não deixa de ter um caráter de profissionalização temporária e que também não pretende permanecer na cidade depois de formado.

Outra forma de se conectar ao local escolhido pelo entrevistado foi adquirir um imóvel. Como ele não tem certeza de seu tempo de permanência na cidade, decidiu comprar um apartamento como forma de investimento e de enraizamento na sua nova cidade. Relata que outros colegas de trabalho fizeram o mesmo. Aqui, podemos relacionar ao caráter ambíguo do imigrante evocado por Sayad, apesar de não se identificar como permanente, os imigrantes se estabelecem cotidianamente enquanto permanentes através de casamentos, aquisição de imóveis, formação de família com filhos, etc.

Podemos traçar uma relação entre a categoria de imigrante e a categoria de estrangeiro, e relacionar com a história em análise. Fundamentalmente, o estrangeiro é um imigrante com um caráter positivo, pois é visto como uma mão de obra ou uma fonte de investimento desejável na sociedade que se insere. Neste sentido, estrangeiro é aquele que reuni em si a unidade do ato de viajar e de permanecer, ao mesmo tempo, em um dado lugar, ele pode fazer a escolha de ficar. Assim sendo, o estrangeiro é um viajante potencial, pois, apesar de permanecer em algum lugar de sua escolha que não o seu de origem, ele possui a liberdade de se deslocar assumindo uma condição virtual de viajante (Siqueira, 2007). O estrangeiro pode ser encarado como agente social transformador da localidade que interfere e apresenta uma síntese das características de proximidade e distância. Proximidade por compartilhar um mesmo ambiente com outros do qual não é originário, e distante, justamente, por não ser este ambiente o seu de origem. Tal síntese permite o estrangeiro ter uma maior objetividade sobre o a realidade que se coloca, visto que ele não possui laços com o contexto. Essa objetividade significa maior liberdade, em última instância. A conceituação do estrangeiro é posta por ser uma categoria mais próxima do que é vivido pelo nosso entrevistado. Embora não seja um estrangeiro de fato, em sua nova cidade é tratado como tal, diferentemente de outras condições de imigração que também existem, como, por exemplo, quando o imigrante não é desejado na sociedade que se insere, é marginalizado e suas dificuldades de territorialização e identificação são de uma proporção muito maior.

Até o momento da entrevista, Rodrigo não havia comprado o apartamento ainda, continuava residindo no condomínio próximo ao shopping. Antes, sua moradia estava bem improvisada, com pouca mobília, “sem a minha cara”, afirmava. Alega que não se motivou em arrumar sua casa, porque não tinha certeza de suas escolhas e nem de suas permanências. Rodrigo enfrenta uma depressão, diagnosticada por especialistas, pela mudança de cidade. Demonstra certa frustração por não estar conseguindo se adaptar ao novo ambiente: “Era meu sonho, lutei por isso por três anos e agora parece que tudo está sendo questionado” (trecho da entrevista).

Recentemente, como forma de lidar melhor com sua condição, ele decidiu investir no espaço que é o único que ele pode tornar confortável de modo mais direto, decidiu decorar seu apartamento, comprar móveis e eletrodomésticos, e percebeu o quanto essa pequena mudança lhe fez bem. É possível perceber que experimentar a apropriação de lugares afeta decisivamente o processo de enraizamento do migrante. A construção de um lugar próprio possibilita a preservação da identidade do migrante, a criação da sensação de pertencimento, uma casa pode ser a expressão mais próxima da personalidade do indivíduo, onde suas escolhas, interesses e vontades estão refletidas nos detalhes que a compõem (Dal Gallo; Marandola, 2009). Um ambiente acolhedor favorece a territorialização do migrante. Gaston Bachelard (1993) enfatiza a importância da casa para o ser humano, é a sua primeira referência de mundo. Quando uma criança nasce ela é posta em um berço dentro de uma casa, para só depois ter contato com o mundo de fato. Bachelard afirma que a casa sempre será “um grande berço”, lugar que permite o indivíduo se proteger, se estabelecer e dar continuidades aos processos que vive desde o início de sua vida. O entrevistado afirma que depois de ter uma casa que transpareça sua personalidade, sua relação com a nova cidade foi transformada. Está menos sofrido viver sua condição de migrante. As experiências criadas e vivenciadas pelo migrante são decisivas na qualidade da sua relação com o lugar.

Durante o período que o entrevistado relata como mais sofrido desde sua chegada à nova cidade, ele viajou com certa frequência para sua cidade de origem em busca de acolhimento e alívio para o seu sofrimento. Ele cogitou viajar a cada quinze dias para sua cidade de origem, se sua dificuldade de adaptação não fosse superada, encararia a cidade destino apenas “como o lugar que vou trabalhar. Se não tivesse jeito, faria isso durante toda a minha permanência aqui” (trecho entrevista). Mas nessas viagens à cidade-natal, Rodrigo se deparou com um novo sentimento. Ele não se sentia mais pertencido como antes. Ele não tinha mais sua casa, precisava ficar hospedado em hotéis ou casa de familiares. Sua permanência na cidade não se encaixava mais na rotina de seus amigos e parentes. O entrevistado não tinha mais veículo próprio em sua cidade de origem, fato que o fez viver a cidade de um

novo modo. Percebe-se que a identidade dele estava deslocada. Rodrigo não se identificava com sua nova cidade e também não se reconhecia no lugar de origem. Este é um sentimento próprio da condição de migrante. Uma vez que o imigrante sai, ele não é mais o mesmo (Sayad, 1998), ocorre uma transformação significativa em seu ser, em sua maneira de se identificar. O migrante se situa num espaço subjetivo contraditório e provisório (Lopes; Vasconcelos, 2005), há o desejo de permanecer no novo lugar por ser uma escolha que lhe traz vantagens, mas também há o desejo de retorno a cidade de origem. Entretanto, esse lugar ambíguo que habita atribui ao migrante um estado provisório que se torna seu estado de direito.

Além dos esforços empreendidos pelo entrevistado para se adaptar ao seu novo ambiente, ele também mantém um forte contato com amigos e parentes na cidade-natal e viaja quando possível dentro de sua rotina de trabalho para visitá-los, por vezes, recebe visita de familiares também. As duas cidades estão distantes em aproximadamente três mil quilômetros, não é uma distância confortável para facilitar a proximidade de Rodrigo com seus entes queridos. Mas o modo de vida contemporâneo permite que ele se sinta próximo por meio das diversas facilidades tecnológicas dispostas no século XXI. Como apontam Elliot e Urry (2010), houve uma transformação na configuração das relações íntimas com a presença de múltiplas mobilidades. Os meios de comunicação e transporte facilitados influenciam decisivamente nas formas de explorar a vida privada e os relacionamentos à distância. Certamente, o fenômeno migratório adquiriu novas conformações na sociedade móvel, descrita pelos autores, que caracteriza a sociedade ocidental contemporânea. Não é preciso recorrer a tempos tão anteriores para notar a grande diferença nas relações sociais frente à distância. Antes, há uns vinte anos, por exemplo, não se dispunha das facilidades proporcionadas pela internet e pelos avanços das telecomunicações, muito menos era tão acessível realizar viagens de avião para longas distâncias como acessamos hoje. Rodrigo mantém contato diário a baixos custos com quem desejar de sua cidade-natal e, apesar da distância, ele pode estar em menos de três horas na casa de seus pais, por meio de uma viagem de avião.

Seu novo desafio é conciliar as facilidades de acesso ao lugar de origem sem que elas se tornem rota de fuga para não se adaptar à nova cidade. Ao final da entrevista, Rodrigo disse querer se fixar no seu novo ambiente pelo tempo que for necessário até conseguir sua remoção. Ele quer sentir a cidade como sua e está fazendo esforços para que o sentimento de pertencimento territorial seja crescente através do tempo. Não está disposto a abrir mão do cargo público alcançado que foi tão sonhado. E revela que não quer ficar como alguns colegas que conheceu que só vão do trabalho para casa e de casa para o trabalho, contando os dias para conseguirem ser removidos para suas cidades de origem. “É um sofrimento muito grande viver assim. As pessoas não aproveitam uma grande experiência de vida que está acontecendo com elas. Não quero ser assim” (trecho da entrevista). As facilidades do mundo contemporâneo não permitem mais que uma mudança de localidade signifique um distanciamento absoluto, mas caso o imigrante queira, ele pode tanto vivenciar essa distância absoluta como também, no outro extremo, pode nunca se territorializar no seu novo destino, ficando apenas vinculado funcionalmente ao novo lugar de moradia. A qualidade da vivência da experiência de migração se dará pelas formas como o ator desse processo constrói, ou não, a relação entre ser e lugar.

Considerações finais

A migração é um processo que não ocorre sem trazer transformações para os indivíduos e locais envolvidos. Neste texto, foram enfocadas algumas dificuldades, modificações e adaptações enfrentadas por um imigrante no seu primeiro ano de vivência em uma nova cidade.

Ocorre um choque de identidade ao entrar em contato com uma realidade cultural e espacial que exige adaptação, esta pode ser tanto em comportamentos como nos modos de ser do próprio indivíduo. A interação entre migrante e local se constitui um desafio, que determinará a qualidade de vida que o migrante alcançará na medida em que o processo de territorialização consegue se efetivar. A experiência se revela como fundamental para construir a relação entre ser e lugar. As apropriações feitas a

partir do conhecer, perceber e vivenciar podem permitir que o migrante se torne integrado ao seu novo destino de moradia.

Retomando mais uma vez o que Sayad (1998) afirma, o migrante carrega em si um caráter ambíguo, ao mesmo tempo em que ele busca permanências, o desejo de retorno ao lugar de origem dificilmente o abandona, fato que lhe atribui uma identidade provisória, indefinida. Posicionado nesta identificação, o migrante vê-se deslocado no espaço e tempo, pois acaba por não se identificar com o lugar de destino e perde a identificação sólida com seu lugar de origem, por não viver de forma presente física e temporalmente no ambiente que construiu suas identidades fundadoras. O ato de migrar transforma por definitivo aquele que o realiza.

Não se habita impunemente um outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia, em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades do contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas, e, outras vezes, estando plenamente consciente dos seus efeitos. (SAYAD, 2000, p. 14)

Os contatos realizados com o lugar de origem, com os entes queridos, a manutenção de lembranças se tornam ferramentas importantes para manter o migrante estruturado enquanto ser. Levar a afetividade e conforto da terra natal que são partes estruturantes do indivíduo para o novo espaço de habitação, ou buscar fatores que remetam a esses sentimentos, pode ser um mecanismo facilitador de enraizamento e apropriação do migrante.

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BECKER, Howard. **A Escola de Chicago**. In Revista Mana, volume 2, nº2. Rio de Janeiro, 1996.

DAL GALLO, Priscila M.; MARANDOLA JR, Eduardo. **Ser Migrante: Implicações Territoriais e Existenciais da Migração**. In VI Encontro Nacional sobre Migrações Belo Horizonte – Agosto, 2009.

ELLIOTT, A.; URRY, J. **Mobile Lives**. London: Routledge, 2010.

GAULEJAC, Vicent de. **Historias de vida y sociologia clínica**. In Propositiones, nº29, 1999.

_____. **Qui est “je”?** Paris: Éditions du Seuil, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (trad. Tomáz T. Silva e Guacira L. Louro). Rio de Janeiro: DP & A. 2003.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOPES, Stella Maris B.; VASCONCELLOS, Maria da Penha. **Trajetórias na cidade: experiências de migrantes argentinos na cidade de Balneário Camboriú, SC**. In GT: Cidades: sociabilidades, cultura, participação e gestão, XXIX Encontro Anual da ANPOCS, 2005.

MELCHIOR, Lirian. **Redes sociais e migrações laborais. A constituição da rede nipo-brasileira em Ourinhos (SP)**. In X Colóquio Internacional de Geocrítica – Universidade de Barcelona. Barcelona, 2008.

SIQUEIRA, Euler D. **O turista, o estrangeiro e o viajante: notas para uma sociologia do turismo e da viagem.** In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXX; Anais da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. Santos, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os Paradoxos da Alteridade.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. **O retorno.** Revista Travessia, jan-2000.

TINICO, Rui. **Histórias de vida: um método qualitativo de investigação.** Disponível em: www.psicologia.com.pt . Acesso em: julho de 2015.